ISRAEL DA SILVA MARQUES

A ORALIDADE COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O PROFESSOR: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS

CAMPINA GRANDE PB
2014
ISRAEL DA SILVA MARQUES

A ORALIDADE COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O PROFESSOR: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS


CAMPINA GRANDE
2014
M357o  Marques, Israel da Silva
A oralidade como recurso didático-pedagógico para o
professor [manuscrito] : contribuições teórico-práticas / Israel da
Silva Marques. - 2014.
39 p.

Dedicado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
"Orientação: Profa. Ma. Paloma Sabata Lopes da Silva,
Departamento de Letras".

Formação de Professor I. Título.

21. ed. CDD 410
ISRAEL DA SILVA MARQUES

A ORALIDADE COMO RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O PROFESSOR: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em: 30/11/14

BANCA EXaminadora:

Paloma Sabaté Lopes da Silva
Prof. Ms. Paloma Sabaté Lopes da Silva- UEPB (Orientadora)

Ricardo Soares Silva
Prof. Dr. Ricardo Soares Silva- UEPB (Examinador)

Marcelo Vicira de Nóbecga
Prof. Ms. Marcelo Vicira da Nóbecga – UEPB (Examinador)

Média: 7.5

CAMPINA GRANDE PB
2014
Dedicada primeiramente ao nosso Deus e Senhor Jesus Cristo por tudo aquilo que represento e sou durante todo o meu percurso em vida: LOUVADO SEJA TEU NOME. A essa nova carreira como profissional em licenciatura plena em Letras, que sem dúvida nenhuma se compara ao trabalho realizado por um militar exercendo suas funções, com disciplina, coragem, dedicação e amor pelo que faz. Sem a tua presença em nossas vidas nada seríamos.
AGRADECIMENTOS:

A Deus, que por sua imensurável misericórdia me concedeu forças para superar as inúmeras dificuldades encontradas pelo caminho;

A minha saudosa e amada irmã GILDETE SILVA MARQUES (in memoriam), que através do seu exemplo de vida como professora e missionária nas aldeias indígenas na Baía da Traição (PB), e Itambé (PE), fez com que o amor ao que fazia e ao trabalho realizado nessas cidades feito com muito louvor fosse um exemplo de realização profissional de cada educador e de cada ser humano. Portanto, ela representa e muito na conquista desse trabalho;

Aos meus pais GERALDO MATIAS MARQUES e JOSINA MARIA DA SILVA MARQUES, que em tudo na vida me incentivaram e tiveram sempre o extreto amor para comigo;

A minha esposa ELIETE ANDRADE e filha REBECA LAVÍNIA me ajudando, dando todo apoio emocional e força, acreditando no meu potencial quando muitos desacreditavam. Amo vocês!

Em especial a minha orientadora Profa. MS. PALOMA SABATA LOPES DA SILVA, por sua generosidade, paciência e sabedoria a mim prestada orientando e valorizando esta pesquisa;

Aos professores Profs. DR. RICARDO SOARES SILVA e ao Prof. DR. RANIERI MELLO, que sempre souberam ter o cuidado comigo, ajudando e apoiando em toda a trajetória acadêmica reconhecendo minhas dificuldades;

Aos meus colegas de curso, JORGE, KÁTIA, e em especial as esses quatro amigos e irmãos GICÉLIA COSTA, RICARDO GALVÃO, WILIANA BORGES e TIAGO ROSAS que sempre me deram apoio nos momentos mais difíceis durante o curso com suas sugestões e dicas, verdadeiramente professores natos;

A todos aqueles que de uma maneira ou de outra contribuíram ou torceram pela realização dessa pesquisa.
A rigor, a linguagem escrita não passa de um sucedâneo, de um ersatz da fala. Esta é que abrange a comunicação lingüística em sua totalidade, pressupondo, além da significação dos vocábulos e das frases, o timbre da voz, a entoação, os elementos subsidiários da mímica, incluindo-se aí o jogo fisionômico. Por isso, para bem se compreender a natureza e o funcionamento da linguagem humana, é preciso partir da apreciação da linguagem oral e examinar em seguida a escrita como uma espécie de linguagem mutilada. (MATTOSO, 2012 p.14)
RESUMO

Este trabalho analisa algumas ementas do curso de letras (habilitação em língua portuguesa) da Universidade Estadual da Paraíba, procurando entender de que forma as disciplinas ofertadas oportunizam o estudo da oralidade juntamente com as atividades de leitura e de escrita. É um trabalho que tem como finalidade perceber até que ponto as disciplinas acadêmicas estimulam as práticas de oralidade, enquanto fator essencial para o professor de português. A questão norteadora parte do conceito de que a fala é um instrumento indispensável ao trabalho docente e dentro da formação do professor de português deve ocupar um lugar de destaque. De modo específico, nossos objetivos são: refletir sobre o estudo da oralidade dentro da sala de aula acadêmica e como ela pode ser importante para o crescimento profissional do futuro professor; relacionar as teorias da oralidade e da oratória a fim de acrecentar as contribuições para a prática didático-pedagógica do professor; identificar nas disciplinas do curso de Licenciatura em Letras da UEPB as previsões de tratamento da oralidade. Como aportes teóricos são usados alguns autores que se debruçam sobre o estudo com a oralidade sendo eles Marcuschi (2005) e Matencio (2001) e sobre as características da oratória, Polito (1999), dentre outros que enfatizam a oralidade como importante elemento da comunicação humana. Ao final, existe um entendimento de que as ementas analisadas não contemplam um ensino aprofundado do uso da oralidade por parte dos docentes, revelando assim uma grande lacuna no ensino, uma vez que a competência linguística deve abranger todos os aspectos comunicacionais. A produção e o estímulo da oralidade são de fundamental importância para o desenvolvimento futuro de estudos referentes ao conhecimento linguístico.

ABSTRACT

This paper examines some of the course menus Letters (qualification in English), State University of Paraiba, trying to understand how the disciplines offered nurture the study of orality with the activities of reading and writing. It is a work that aims to realize the extent to which academic disciplines encourage the practices of orality as a key factor for the teacher of Portuguese. The guiding question of the concept that speech is indispensable to teaching and teacher education within the Portuguese instrument should occupy a prominent place. Specifically, our goals are: to reflect on the study of orality within the academic classroom and how it can be important for the professional growth of future teachers; relate the theories of orality and speech in order to add contributions to the didactic and pedagogical practices of the teacher; identify the subjects of the Bachelor's Degree in Literature from UEPB forecasts treatment of orality. As some authors theoretical contributions that focus on the study of orality and they Marcuschi (2005) and Matencio (2001) and the characteristics of oratory, Polito (1999) are used, among others that emphasize oral communication as an important element human. At the end, there is an understanding that analyzed the menus do not include a thorough teaching of the use of orality by teachers, thus revealing a huge gap in education, since the linguistic competence should cover all communication aspects. The production and the stimulation of orality are of fundamental importance for the future development of studies relating to linguistic knowledge.

Keywords: Orality. Teaching and learning. Language training.
SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.........................................................................................................................11

CAPÍTULO I – A ORALIDADE E SUA RELAÇÃO COM OUTRAS DISCIPLINAS E COM A PRÁTICA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA.................................................................................................................................14

1.1 A oralidade vista como recurso didático-pedagógico..................................14
1.2 Questões discursivas e diferenças entre oralidade e oratória....................................................16

CAPÍTULO II – LINGUAGEM ORAL E LINGUAGEM ESCRITA: PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM.................................................................................................................................21

CAPÍTULO III – ORALIDADE NO CURSO DE LETRAS: ESPAÇOS E SIGNIFICAÇÕES.................................................................................................................................27

CONSIDERAÇÕES FINAIS.................................................................................................................37

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....................................................................................................38
LISTA DE FIGURAS

QUADRO 1 .................................................................................................................. 31
QUADRO 2 .................................................................................................................. 33
QUADRO 3 .................................................................................................................. 35
INTRODUÇÃO

A motivação para este trabalho surgiu mediante nossa trajetória como aluno do curso de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa) da Universidade Estadual da Paraíba. A inquietação veio da observação de uma possível ausência de sistematização no tocante às atividades relacionadas às práticas de oralidade de forma didática, que pudesse orientar as apresentações de seminários e a nossa atuação em fase de estágio docência.

Começamos a nos questionar sobre essa lacuna e a refletir sobre a necessidade de uma orientação específica no tocante à postura, à entonação e ao uso linguístico tanto para os alunos quanto para os educadores. Um espaço dedicado ao incentivo e ao desenvolvimento das capacidades relacionadas à linguagem e ao uso da fala, que dariam, portanto, um conhecimento prévio de algumas produções textuais e comunicativas, afim de que os gêneros orais fossem posteriormente materializados.

Contudo, era perceptível que alguns professores demonstravam pouco interesse em aprimorar a competência linguística e comunicativa dos alunos nesses períodos de observação, o trabalho didático-pedagógico do professor de língua Portuguesa em sala de aula praticamente não existia, inibindo a capacidade de desenvolvimento das habilidades associadas aos gêneros orais trabalhados.

Segundo Polito (1999, p.51), “em estudos teóricos que enfatizam o poder da palavra pela expressividade oral, é através das palavras escritas ou faladas que o homem pode expressar seus sentimentos, mudar a realidade o mundo ao seu redor”.

Marcuschi (2005) vê que a oralidade encontra-se bem presente em nossas vidas desde os nossos primeiros anos e que todo indivíduo, quando chega na escola, ou quando passa a se dedicar ao aprendizado da escrita, já domina a língua na sua forma oral.

Para Mattoso (2012), a palavra falada é uma saudação permanente e contínua ampliada ainda mais no mundo contemporâneo. Por isso, para se compreender o funcionamento da linguagem do ser humano, faz-se necessária a apreciação da linguagem oral em várias situações de uso, pois a maneira como utilizamos a linguagem determina os elementos expressivos para a comunicação bem sucedida.
Nesse sentido, o meio de comunicação exercitado pela fala está também relacionado à ascensão ou regresso da carreira profissional de qualquer professor em licenciatura.

Problematizando a pesquisa, surge a necessidade de referentes teóricos que deem subsídio ao trabalho do professor com a oralidade dentro da sala de aula e como esta disciplina pode ser tomada como recurso didático-pedagógico, pois para uma grande parte dos estudantes em licenciatura e para alguns desses profissionais da área de educação que se encontram em situações públicas de fala, não conseguem interagir com seus alunos e enfrentam dificuldades ao se depararem com esse evento, que é expressar seus conhecimentos por intermédio da linguagem oral.

Dessa forma, o questionamento que norteou o estudo pautou-se em entender como as ementas curriculares estão sendo aplicadas para a formação dos licenciados no que se refere à prática do ensino com a oralidade, é uma temática relevante, porque todo profissional deve dominar a expressão oral para que assim possa desenvolver de maneira efetiva o processo de comunicação, principalmente o profissional que se habilita em trabalhar com a língua portuguesa.

Nosso objetivo geral é refletir sobre o lugar da oralidade no curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba como recurso didático-pedagógico do professor a fim de proporcionar o aprendizado dos alunos exercitando de forma sistemática o uso da oralidade em sala de aula.

Para tanto, realizamos um levantamento bibliográfico sobre as questões teóricas que envolvem a oralidade e suas contribuições, pautando o uso da linguagem sob a ótica dos estudos Linguísticos.

Nossos objetivos em específico estão direcionados em três aspectos que são:

Refletir sobre o estudo da oralidade dentro da sala de aula acadêmica e como ela pode ser importante para o crescimento profissional do futuro professor;

Relacionar as teorias da oralidade e da oratória a fim de acrescentar as contribuições para a prática didático-pedagógica do professor;

Identificar nas disciplinas do curso de Licenciatura em Letras da UEPB as previsões de tratamento da oralidade.
Nossa metodologia de pesquisa contempla duas naturezas: a primeira é essencialmente bibliográfica, pois está pautada na reunião de textos teóricos sobre a oralidade, a fim de descrevê-la e diferenciá-la da oratória; a segunda é documental, pois analisamos algumas ementas de disciplinas contidas no PPP (Projeto Pedagógico de Letras) da UEPB, 2006. A natureza deste estudo conta com a perspectiva interpretativista das teorias propostas, bem como com a descrição das ementas em que se sugere alguma indicação de trabalho com a oralidade, sejam elas na capacidade de desenvolver a compreensão de fatos da linguagem, observando o campo oral e escrito, bem como desenvolver a competência de adquirir os conhecimentos referentes a problemas de ensino/aprendizagem em uma perspectiva que passa a contemplar os discursos, por meio de alguns gêneros orais (Exposição oral, seminários, etc.), como pressupostos ao ensino da língua materna.

Trazemos reflexões sobre uso da linguagem oral e sobre as questões discursivas, associando-as ao trabalho do professor em sala de aula e ao processo de ensino e aprendizagem.

Para o tipo de análise realizada, adotamos uma análise qualitativa dos dados representando, dessa maneira, atitudes mais coerentes ao tipo de pesquisa.


Sendo assim, esta pesquisa surgiu mediante a observação vista como necessidade de ensinar em sala de aula acadêmica a aplicabilidade do recurso oral, e seu valor significativo, quando se refere à questão de transmissão de conhecimento.
CAPÍTULO I
A ORALIDADE E SUA RELAÇÃO COM OUTRAS DISCIPLINAS E
COM A PRÁTICA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

1.1 A oralidade vista como recurso didático e pedagógico

Quando falamos em trabalhar didaticamente a oralidade também falamos na mediação do professor em meio a um processo discursivo, sendo realizados e estabilizados em sala de aula e envolvendo professor e aluno.

De maneira mais ampla, as questões que envolvem a oralidade devem ser observadas de uma forma social e através desse ato comunicativo, como ele pode ser desenvolvido diariamente.

De acordo com Mattoso (2012, p.14) “nota-se que a civilização Antiga Contemporânea sempre deram uma importância extraordinária à escrita”, porque muitas vezes quando nos referimos à linguagem só pensamos nessa modalidade. Contudo, é necessário que não a desconsideremos, quando formos tratar da oralidade.

Não queremos dizer que a Língua escrita tenha maior relevância que a Língua oral, absolutamente, mas que ela teve sua supremacia na história Ocidental.

Dessa forma, a oralidade é uma prática de fala usualmente difundida pela língua em todas as sociedades.

Conforme Matencio (2001,p.77), as correlações de interações de fala que podem ser simultaneamente relacionadas em uma construção didática, em uma aula de Língua Portuguesa, visando propositualmente o desenvolvimento da oralidade. Já nas chamadas regras interacionais, os indivíduos, se relacionam por meio de um gênero que se baseia em um dado prático de visão de mundo, a um dado evento de interação verbal, desenvolvendo a capacidade de saber agir em atos que exigem a comunicação verbal.

Podemos dizer que a oralidade vista como espontaneidade, proporciona ao aluno a coragem, a vontade de expressar seus sentimentos, de existir e de criar.

Holtz (2009, p.103), “em estudos pedagógicos”, considera que o papel da instituição de ensino é levar os alunos a avançar em relação àquilo que eles já dominam, no caso: as produções orais adquiridas no cotidiano. Contudo, em termos didáticos, as práticas orais formais dependem de um esforço maior, sistemático dependendo então de uma intervenção didática.
Nessa perspectiva de interação entre as pessoas o mecanismo de verbalização, o que é perceptível é um planejamento na execução da materialidade linguística, que se manifesta por meio da configuração como um texto é produzido verbalmente. A linguagem oral internalizada de modo formalizado ou não dependerá de eventos de comunicação que se encontram em um determinado ambiente que poderá interagir na produção linguística de cada falante.

Para Bechara (2011, p.1084), a palavra recurso designa ato ou efeito de auxiliar meio necessário, ou seja, um procedimento utilizado com a finalidade de reverter uma situação existente ao ato ou efeito de recorrer.

Dessa forma, quando falamos em recurso, estamos falando em meios necessários para aquilo que disponibilizamos no momento prático para a realização de uma determinada tarefa.

Ainda sobre a mesma obra do autor (BECHARA, 2011, p. 1084) a palavra pedagogia se define por um conjunto de teorias, métodos e técnicas de educação que se firma a uma correlação da educação e da ciência do ensino.

Nas palavras de Holtz (2009,p.104),

As instituições de ensino pode independente de suas possibilidades físicas ou tecnológicas investir no ensino da oralidade desde que, os professores devam legitimar a fala cotidiana dos alunos como objeto de ensino sistematizando os aspectos inerentes a oralidade como: Saber ouvir, pensar pra falar, ter postura, ter clareza, sabendo inserir a voz do outro na própria fala, aprendizados que são inerentes a qualquer pessoa.

Dessa forma, o professor utiliza-se da oralidade como um recurso bastante significativo para o exercício da pedagogia.

Conforme Pereira (2010, p.117), é durante os exercícios de expressões de fala que o educador é o detentor dela em sala de aula. Não queremos dizer, portanto, que só a ele pertence o direito de falar, mas que ocupa uma postura fundamental nessa conjuntura apropriando-se da oralidade e contribuindo para a aprendizagem do aluno, ligando-o a informação e a realidade. A maneira como o professor planeja esse recurso oral pode e muito contribuir para a capacidade de interação e desenvolvimento do aluno.

Nesse sentido, o educador observador pode estabelecer uma relação de ensino produtivo, enfatizando a sua forma de falar mantendo a atenção do aluno, pelas práticas de postura, tom de voz, que estão relacionados à oralidade como requisito de aula mais produtiva.
Dessa forma, o objetivo pedagógico do professor é favorecer ao aluno uma diversidade de conhecimentos, com a finalidade de serem capazes de se relacionar com a sociedade, utilizando a linguagem de forma necessária e adequada.

Nas palavras de Soares (1983, p.13),

É preciso propiciar condições para o indivíduo, com a finalidade de que tenham acesso ao mundo escrito ou oral, tornando-os capazes não só de ler ou escrever, mas de codificar e decodificar esses sistemas fazendo o uso necessário e adequado em todas as formas que eles atuam na sociedade.

Quando o aluno é incentivado e orientado por parte do educador sobre o funcionamento da linguagem oral, ele começa a apropriar-se dela, tomando-lhe a competência de expressar bem aos diversos gêneros orais tais como: seminários, debates e palestras. São gêneros que estimulam atos de fala socialmente discursivos e internacionais. O trabalho pedagógico do professor nesse evento oral passa, portanto, a exercer uma postura mais dinâmica, planejada para a finalidade a que se está prevista.

Contudo, a ação pedagógica do professor precisa ser desenvolvida no trabalho com a língua, nas escolas, como interação e mediação, para que possa alcançar o papel do aluno como indivíduo interativo e falante, considerando as ações comunicativas nas instituições de ensino.

1.2 Questões discursivas e diferenças entre a Oralidade e a Oratória

Com referência à Oralidade, em seu sentido restrito, é a transmissão oral de conhecimento pela memória humana, ou seja, todo conhecimento transmitido de forma oral. Contribuindo ainda de maneira significativa sobre os estudos da oralidade e da escrita, as pesquisadoras Araújo e Silva (2013, p.35), afirmam que: “Não podemos encontrar uma definição concreta da oralidade, mas reflexões axioma que a possam definir em diferentes graus de abordagens.”

Atualmente, percebemos nas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN’s (Brasil-1997), com referência à oralidade, que ressaltam que o ensino de Língua materna aplicado nas instituições escolares deve ser analisado em todas as circunstâncias em que a língua se apresenta nas diversas situações de comunicação. Contudo, a oralidade pode apresentar outras formas e situações de comunicação que nem sempre são espontâneas e nem tão pouco vistas como a forma correta de falar.
Entretanto, as práticas de oralidade são frutos de diversas manifestações culturais em nosso meio social que podem ser ensinadas e aprendidas, basta somente um planejamento sistemático e organizado de ensino. Outrossim, podemos refletir que as práticas de oralidade enquanto objeto de ensino não é suficientemente abordada e que muitos desconhecem essa prática. Existe um questionamento sobre os vários tipos de linguagens desenvolvidas em sala de aula, que podem também influenciar no trabalho do professor isso associadas a um conjunto de dinâmicas de ensino de forma pedagógica que poderiam ampliar a capacidade oral de cada aluno.

Percebemos que a função do professor em sala de aula não é meramente estática e assim deve e integrar essas variações de linguagem ocorridas em sala, reconhecimento e que não podem ser condensadas em um só estudo. Mas que é através de códigos que ela mesma desenvolve, que quando trabalhada de forma oral causa o impacto na formação da identidade do sujeito em meio a atos de comunicação e através desse código apresentado pela própria língua, sobre a perspectiva do que é escrito ou falado de maneira formal ou não, como fortalecimento da aprendizagem.

É necessário que as atividades de ensino em sala de aula possam suprir esse déficit de interação entre educador e educando em eventos que utilizam a fala e ante as questões que envolve a linguagem e que são desenvolvidas dentro das instituições escolares.

Conforme Bartolo Jr (et al. 2005), acordadas as atividades de interações vem a destacar a necessidade de interação entre processo de ensino e de aprendizagem entre professor e aluno, que mesmo distribuídos no ambiente de ensino de forma diversa, porém não opostas, cada indivíduo participante aos atos de interação verbalizadas desempenham papeis diferentes em sala de aula.

Nesse sentido, quando o professor se dispõe a trabalhar a linguagem inserindo-as as questões orais, ele pode detectar em médio prazo a deficiência de interação, que pode ser causada pela visão de mundo de cada aluno, por causa de sua trajetória de vida.

Quanto à relação de interação no ambiente de ensino, os educadores usam a oralidade para realizar a troca de conhecimento, por planejamentos de atividades, executando-as para fins, que possibilitam a competência de analisar a língua em sua expressividade oral, materializando a forma linguística através de um gênero oral que, cause efeitos na produção linguística de cada aluno.
Matencio (2001, p.79), contribuindo de maneira bastante significativa quando menciona essa relação entre professor e aluno do processo enunciativo de interação ao processo de eventos comunicativos passa a afirmar:

Dado a função institucional no momento da fala e a posição hierárquica dos participantes, o professor tem o objetivo de ensinar, enquanto o aluno tem por sua vez de aprender.

Dessa forma, podemos dizer que o trabalho com a oralidade na escola vai muito além dos aspectos linguísticos. Porém, permeiam sobre outros aspectos sendo um deles os gêneros orais (seminários, debates, etc.), podem ser desenvolvidos dentro ou fora da escola, privilegiando então, a função social de cada indivíduo dentro de sua visão de mundo e sobre cada gênero.

Para o termo oralidade existe uma certa comparação daquilo que chamamos de linguagem funcional, da língua em uso, pois ela pode designar uma forte retenção do discurso, ou seja, ela se une a um sujeito na conversação que dependerá de um gênero específico para que este ato comunicativo possa ser realizado (fundamentalmente oral) e discutido com maior frequência pelos estudiosos do assunto.

No quesito ensino e aprendizagem, a oratória associada à oralidade, pode ajudar o professor a desenvolver em seus alunos a capacidade de interpretar e identificar os discursos que circulam em meio a sociedade, sem se deixarem enganar, aprimorando a visão de mundo de cada educando, tornando-o mais crítico.

Para nos posicionarmos com clareza sobre os atos comunicativos verbalizados ou não e sobre as questões que situam a linguagem falada no aprendizado do aluno, é preciso considerar dois pontos que enfatizam essa forma discursiva. diferenciando-as uma da outra: A Oralidade e a Oratória¹.

Abrindo caminho para essas reflexões discursivas, a Oratória é a primeira que segue com algumas definições que irão diferenciar esta da outra disciplina.

Segundo Geraldo Mattos (1931, p.386), a Oratória é:

Algo que está relacionado com a arte da eloquência, de falar bem em público e com objetividade cuja a intenção é manter o ouvinte informado.

Conforme Mattoso (2012), a Oratória foi estudada e apreciada pela maioria dos estudiosos, dentre eles com maior expressividade foi Cicero, gênio da oratória grega que

¹ A oratória é utilizada apenas como fim ilustrativo, para esclarecer que oralidade e oratória são completamente distintas: a primeira é objeto de estudo científico, a segunda é uma disciplina surgida na Idade Média, que tem por objetivo apenas ensinar técnicas de persuasão.
ampliou seus conhecimentos teóricos sobre esse assunto que posteriormente serviram de base para algumas academias na Antiguidade Clássica, quando a arte de falar em público tinha primordial importância para o político e representava sucesso na vida.

Atualmente, a oratória é mais utilizada entre os acadêmicos do meio jurídico e algumas classes políticas que usam de algumas de suas técnicas (entonação de voz, gestos, postura, etc.), com a finalidade de convencer, persuadir de prender a atenção do ouvinte nas situações comunicativas para aquilo que queira dizer.

Segundo Polito (1999, p.57) contribuindo com os estudos da exposição oral, da retórica/oratória constatamos:

Essas técnicas além de melhorar a voz e a postura do orador, tem por finalidade em propor a cada indivíduo o conhecimento de si mesmo acreditando no seu potencial como participante em eventos em que a fala é por ele exercitada.

Conforme Mattoso (2012), para quem fala em público é necessário atentar para algumas características da exposição oral, como: O timbre da voz, a altura da emissão vocal, além de saber jogar de maneira adequada, os gestos do corpo, mãos e braços e fisionomia, tais recursos que facilitam e muito a comunicação linguística, contribuindo para que a linguagem seja bem distribuída.

Nesse sentido, quando o educador se apropria da oralidade, utilizando-a como mais um recurso didático, pode auxiliá-lo na exposição oral com a finalidade de chamar a atenção do aluno ao que se quer dizer. Contudo, para que a oralidade seja trabalhada em sala de aula e surta efeito, é necessário que a interação entre professor e aluno seja constantemente trabalhada e avaliada pelas atividades discursivas realizadas por este educador em paralelo com o desenvolvimento oral e comunicativo de cada participante nesse ambiente de ensino.

A proposta que se tem sobre a oratória é de que o educador que a utiliza como mais um recurso didático, poderá adquirir confiança em si mesmo e sucesso em situações de fala, contribuindo posteriormente para o sucesso daqueles que os ouvem.

Conforme Polito (1999, p.59),

O conhecimento da oratória poderia dar a chance do indivíduo chegar a uma graduação, ou até mesmo em outras situações de trabalho, com confiança e uma alta estima, posicionando sobre suas ideias transmitindo seus conhecimentos com clareza e eloquência.
Desse conhecimento, tomado como a arte de falar em público com a finalidade de convencer, difundida na Grécia Antiga, na época em que a filosofia e a política traçavam os rumos do pensamento ocidental. Com o tempo ganhou novos espaços e se consolidou enquanto prática social a ser aprendida e usada pelos que almejavam ascender na sociedade grega.

Para Oliveira (2012, p. 09),

A oratória passou assim a ser fundamental, já não apenas para aqueles que aspiravam à política que era a ambição ou carreira mais normal para cidadãos livres daquele tempo. Mas nem toda gente, porém, era capaz de falar em público com brilho e eficácia. Os menos hábeis na oratória tinham de pedir ajuda dos mais preparados.

Essa afirmativa lança luz sobre a ideia de que o domínio da oratória exigia treino, estudo de forma que se constituí num elemento de aprimoramento com noções que levavam os aprendizes ao entendimento do bem falar. Por esses aspectos, a fala sempre se configurou como uma ação que demanda elaboração de pensamento, ação que requer uma preparação mental acerca do que vai ser dito para que o interlocutor possa ser convencido.

Para Polito (2008), a oratória deve ser concebida como a boa articulação das palavras através da coerência e de elementos que se pautam na confiança, na emoção, no envolvimento e na persuasão. Isso leva a crer que o domínio da palavra falada é um aspecto resultante de uma conjugação de fatores que descontinam a necessidade do sujeito aperfeiçoar-se, uma vez que a comunicação falada ocupa cada dia mais espaço na sociedade.

Contudo, essa pesquisa não tem a intenção de ensinar as técnicas que disponibilizam a Oratória, mas apenas trazer um sutil conhecimento dessa disciplina e que por meio dela, o educador possa favorecer um ensino de língua com maior aproveitamento, escolhendo adequadamente a maneira de falar, com coerência conseguindo com êxito a objetividade nas comunicações pelas circunstâncias em que a língua oral é solicitada.

O educador pode adquirir o conhecimento prévio das técnicas da oratória, não como um recurso para persuadir, mas como meio de atingir o público-alvo de suas aulas: os alunos. E, ainda, exercitando e melhorando a forma de falar em público com vícios de um ensino sistematizado recorrendo às situações discursivas.
CAPÍTULO II
LINGUAGEM ORAL E LINGUAGEM ESCRITA: PERSPECTIVAS DE
ABORDAGEM

Historicamente, a oralidade é observada como elemento oposto às práticas da modalidade escrita e vista, apenas, como um conjunto de práticas sociais em meio a atos comunicativos, prevalecendo as questões que envolvem a escrita, colocando-a em segundo plano de análise.

Contudo, para muitos profissionais na área de licenciatura, quando se fala no trabalho com a oralidade nas instituições de ensino, referem-se ao trabalho do que é falar certo ou errado. De forma equivocada, há este tipo de análise.

Mattoso (2012, p.14), em seus estudos sobre a expressão oral de maneira progressiva, clara e didática faz a seguinte afirmação com relação ao prévio domínio da linguagem escrita:

A civilização deu uma grande importância extraordinária a escrita e muitas vezes, quando referimos à linguagem, só pensamos neste seu aspecto. É preciso não perder de vista, porém, que lhe há ao lado mais antiga, mais básica, uma expressão oral.

Dessa forma, para compreendermos o funcionamento da linguagem entre as pessoas, é preciso apreciarmos as dinâmicas discursivas da linguagem oral, sendo examinadas paralelamente com a linguagem escrita.

Nesse sentido, para que a linguagem oral seja bem compreendida, é necessário o uso de alguns traços característicos da linguagem oral para quem fala em público, nesse caso direcionado ao docente, atentando para a o timbre, para a emissão de voz, além de usar adequadamente as expressões corporais. São traços característicos bem semelhantes às técnicas disponibilizadas pela Oratória, cuja proposta está na adequação dessa preciosidade de recursos orais pelo professor que favorecem e muito para o progresso da comunicação linguística.

Mattoso (2012, p. 46), nos esclarece sobre “o trabalho da exposição formalmente oral, em que preze que toda a expressividade oral como meio de comunicação ante ao público, há de se verificar o cuidado no que pode falar e com as questões do improviso”. Sendo assim, cabe ao docente conhecer anteriormente o pensamento central do que vai expor e construir, um pensamento organizado e lógico, de modo sistematizado.
Portanto, recorrer a essas técnicas de exposição oral para o trabalho mental, determina o que vamos dizer consolidando nosso conhecimento a respeito, através de reflexões e pesquisas, distribuindo o assunto a ser pautado em sala de aula de maneira clara e objetiva. Isso não quer dizer que o professor deve se utilizar sempre da forma mais rebuscada de oralidade, mas o trato com a linguagem poderá facilitar a relação de ensino-aprendizagem.


Ainda contribuindo de forma significativa, as pesquisadoras supramencionadas enfatizam que o ensino da escrita é priorizado há muito tempo em todas as instituições de ensino, e que poderia ser ensinada sem esse prestígio e em conjunto com a língua falada é certo que esta última o aluno já adquiriu por si, fora do ambiente de ensino. Contudo, essa associação possibilitaria um ensino mais sistemático quando se refere à aprendizagem da linguagem oral.

Sendo assim, nesse ambiente discursivo, a linguagem oral nada mais é do que um canal de interação e interlocução entre dois ou mais participantes para o processo comunicativo.

Considera-se, ainda, que os estudos linguísticos de Bakhtin (1992), ligados às reflexões de Araújo e Silva (2013, p.25-26), inserindo a oralidade ao processo discursivo, enfatizam que esses gêneros orais podem ser uma importante fonte de dados linguísticos que possibilitam diversas manifestações enunciativas, circulando nos meios ambientes sociais, materializados e conduzidos pelo enunciador (educador), ao abrir o caminho para as ocorrências concretas da linguagem incorporadas dialogicamente pela fala.

Nesse sentido, existe a possibilidade de que esses estudos linguísticos possam reconhecer as manifestações orais e discursivas, passando a ser analisadas com o mesmo valor linguístico da forma escrita, nos contextos socioculturais em que a oralidade se apresenta.

Em outros estudos como a sociolinguística e análise da conversação, as formas de letramento, estudos referentes ao uso da linguagem, podem também encontrar a melhor definição sobre a oralidade em uma proposta de análise das variações
linguísticas da língua falada, qualificando em contextos sociais, cabendo portanto às instituições de ensino dinamizá-las.

Apropriando-se da fala de Araújo e Silva (2013, p.46), que mencionam positivamente sobre o estudo da língua falada, discorrendo que é inseparável das interações discursivas, deixando-nos perceber sutilmente que os estudos sobre a oralidade tentam explicar como as pessoas a utilizam para resolverem seus conflitos de interações comunicativas.

Dessa forma, a oralidade em trabalho conjunto com a escrita, analisada e avaliada em sala de aula, visando o desempenho e a competência linguística de cada educando sob a ótica da linguagem oral formal pode contribuir e muito posteriormente para a formação acadêmica dos professores.

Conforme Bronckart (2009, p.91-97), direcionado aos estudos da ação de linguagem como fontes de interações comunicativas e sob o olhar da linguística, os meios em que a palavra circula (escola, família, etc.) estão diretamente posicionados nos ambientes de construção do texto oral, analisadas entre dois dos quatro parâmetros desse contexto sócio discursivos são eles: O lugar social, aposição social do emissor-enunciador (docente) a posição social do receptor (aluno) e os objetivos de interação, que podem influenciar no desenvolvimento da linguagem oral dependendo, portanto, do conhecimento de mundo de cada um desses participantes nesse diálogo.

Segundo esse mesmo referente teórico, a ação da linguagem aos moldes do desenvolvimento interativo e comunicativo não é um sistema de orientações, mas precisa-se tê-la por base para que, a partir do agente enunciador (professor), deva tomar um conjunto de decisões ao processo de ensino.

Dessa forma, o professor precisa planejar estratégias linguísticas de ensino, refletindo as práticas de oralidade em textos verbalmente orais, que possam ser apropriados para o local social, e adequando-os às instituições escolares e a um grupo social que admitam essa verdade, objetivando a interação comunicativa e contribuindo plenamente para o desenvolvimento da ação pedagógica.

Trazemos nessa pesquisa apenas algumas informações que nos nortearão sobre o estudo com a oralidade sendo descritos pelos PCN’s nesses últimos anos. Portanto, faz pertinente deixar esclarecido, que nossa pesquisa esta baseada na formação de professores em licenciatura, podendo posteriormente contribuir para os demais professores em todas as disciplinas escolares.
É necessário frisar que, nos últimos anos, tais questionamentos entre eles os que envolvem a oralidade e a linguagem no tocante à composição conjunta com a própria escrita e ao que se deve trabalhar em sala de aula, há de se ressaltar, a importância da expressão oral como sendo um processo de competência argumentativa e discursiva entre os alunos que estão bem presentes nos PCNs, nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

No tocante ao exposto, as concepções de oralidade abordam questões que estão vinculadas, em alguns documentos dos Parâmetros Curriculares desde os anos de 1997 em diante. Versam sobre sua aplicabilidade nos manuais dos livros didáticos de Língua Portuguesa, que buscam compreender como esses documentos definem a oralidade e se são compatíveis com o que realmente ensinam.

Dessa forma, para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), referente aos anos que seguem, visam concretizar uma linha de ensino de língua materna com características de um ensino pedagógico, abrangendo linguisticamente uma diversidade de análises de gêneros orais de maneira que cada docente possa adaptar-se às propostas de ensino nas instituições escolares.

Contudo, a abordagem dos gêneros orais causou uma preocupação na formulação dos PCN’s, tendo em vista que poucos profissionais da área de ensino de Língua Portuguesa desconheciam a noção de gêneros discursivos. A proposta seria analisar, uma gama desses gêneros que pudessem ser avaliados dentro da sala de aula.

Os gêneros orais necessitam ser adaptados para serem trabalhados em conjunto com a linguagem escrita no ambiente de ensino (debates, seminários, palestras etc.), adequando-os aos demais gêneros escritos, analisados individualmente, só assim possivelmente abririam portas para estudos promissores.

Com referência a esses gêneros orais é que nossa pesquisa traz a oralidade como proposta de um ensino de língua materna mais dinâmico e sistemático. No que diz respeito as suas aplicabilidades no ensino da linguagem oral de maneira a tornar menos complicado o trabalho do professor e do aluno dentro das instituições de ensino.

Conforme os próprios PCN’s (Brasil 1997, p.48-49), as afirmações que seguem, tentam corrigir esse lugar de destaque dado à escrita:

Não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança adquiri muito antes da escola. Talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer uso e formas da língua oral. Quando o fez, foi de maneira de maneira inadequada: tentou corrigir a fala errada dos alunos-por não ser coincidente com a variedade de prestígio social.
Contudo, essa necessidade de se trabalhar a forma discursiva, ao trato oral exposto na secretaria de educação, parece-nos utópico e pouco se observa a ação da prática da oralidade nas instituições escolares como objeto de ensino e trabalho. É certo que hoje em dia existe um interesse maior em dar destaque para a linguagem oral, visando esclarecer a exclusão dessa linguagem historicamente apagada pelos docentes.

Nos tempos atuais, considera-se inaceitável o docente na área de licenciatura que não tenha o domínio daquilo que chamamos de concepções de gêneros orais, ou seja, a efetiva relação de fala e escrita dentro do âmbito escolar. Por conseguinte, essa pesquisa trabalha sobre essas duas estruturas e a sua importância nesse ambiente escolar.

Portanto, é possível compreender que a transmissão da língua de maneira clara e correta se dá apenas através do mecanismo que a própria língua desenvolve, seja ela escrita ou oral.

Essas discussões acima descritas abrem a possibilidade dos professores avaliarem suas ideias e refletirem sobre o que está sendo trabalhado, abrindo caminhos para a mediação contínua e para o ensino sistematico associando-o à pedagógica.

Machado (2004) focaliza as questões que envolvem as atitudes desse trabalho, associado aos estudos discursivos, no tocante à linguagem oral e propõe a compreensão de que o trabalho realizado pelo docente na escola como práticas pedagógicas, equiparando-as também a uma atividade semelhante a qualquer outra prática de trabalho.

Dessa maneira, a situação do trabalho do professor na sala de aula pode contribuir com as ações discursivas realizadas nesse setor institucional.


Portanto, quando falamos em trabalho, relacionamos as atividades escolares em termos de produção oral realizada pelo professor, acarretando ao aluno essas situações públicas de fala como propostas comunicativas. Consequentemente, tanto a questão oral quanto a escrita, quando oferecidas aos discentes nos primeiros contatos com a língua materna, possibilita uma retomada das atividades de produção textual, acarretando uma expressiva situação de comunicação.

Quando o docente trabalha didaticamente a oralidade de maneira necessária e adequada poderá perceber que os resultados obtidos por ela em situações de interações
de fala possibilitam que os alunos expressem de maneira mais clara e objetiva, as escolhas de vocábulos mais adequados e de forma coerente
CAPÍTULO III

ORALIDADE NO CURSO DE LETRAS: ESPAÇOS E SIGNIFICAÇÕES

A comunicação oral é uma ação inerente à humanidade; o domínio da fala pôs o homem em uma situação de vantagem diante das transformações históricas ocorridas no decorrer dos séculos, porque favoreceu o domínio da arte de argumentar e convencer através da palavra, e assim, dominar outros territórios e expandir sua atuação.

Dentro desse entendimento, faz-se necessário perceber como se dá a aquisição e aperfeiçoamento dos atos comunicativos que utilizam a fala, principalmente para os sujeitos que se propõem a trabalhar com as linguagens; é uma temática que prioriza a observação do estudo da linguagem oral em que se constituem em instrumentos de construção do elo comunicativo.

Para Antunes (2003), a oralidade é uma prática discursiva que serve à interação verbal através da diversidade dialética de forma que precisa ser estruturada para compreensão de sua articulação entre as múltiplas especificidades que aborda, como a escolha das palavras a serem usadas e o contexto em que devem ser inseridas. É um aspecto que leva em conta a análise das formas como o estudo da fala vem se desenvolvendo e contribuindo para que os sujeitos desenvolvam o domínio da verbalização de seus conhecimentos.

Esses entendimentos ocasionam a necessidade de perceber como o ensino de língua, em especial a oralidade, se apresenta no curso de letras no sentido de auxiliar os alunos egressos do ensino médio a conhecer e dominar os aspectos que constituem a percepção do uso da fala no seu desenvolvimento profissional.

Esta é uma temática importante porque sugere uma análise reflexiva e equiparada ao trato com a oralidade proposta pelo Projeto Político Pedagógico do curso de Letras (PPP), uma vez que essa questão só passou a integrar a proposta dos estudos em 2006 atendendo às exigências das Diretrizes pedagógicas nas áreas de licenciatura com a finalidade de capacitar a formação do docente nesse sentido.

Como mencionamos anteriormente, o que sugerimos em um dos nossos objetivos nessa pesquisa é uma análise das ementas do Curso de Letras em Língua Portuguesa pelo Projeto Pedagógico do curso de Letras-(CG)- (2006) identificando as previsões de tratamento com a oralidade.
A questão que norteou o estudo parte da seguinte indagação: Se o profissional de licenciatura de Língua Portuguesa precisa obter a capacidade de compreender os fatos da linguagem, entre os planos orais e escritos, ampliar seus conhecimentos nos problemas que interferem ao processo de ensino e aprendizagem, ante a complexidade da abordagem desses gêneros orais e discursivos pela linguagem, em que fase do ensino de Língua materna (LM) as ementas possibilita o trabalho com as atividades relacionadas com a oralidade, tendo em vista que o professor em licenciatura precisa conhecer e dominar as expressões orais?

Para responder essa pergunta, usou-se como base algumas observações que constam nas ementas curriculares do mesmo projeto Pedagógico de Letras (2006), investigando fatos linguísticos entre a língua falada e escrita como perspectiva de ensino assim registradas.

Nesse sentido, nos inquietamos em verificar se o trato com a oralidade está presente em todas as ementas das disciplinas ou se esta é menos estudada contrapondo-se com a atividade escrita. Sendo assim, visando a atender melhor a sociedade ao processo de ensino e aprendizagem.

Antes de descrevermos as ementas das disciplinas do Projeto Político Pedagógico de Letras/CG em Língua Portuguesa, faz-se necessário uma descrição do que esse projeto realmente objetiva com suas propostas, irá nos favorecer subsídios que contemplam a pesquisa.

Conforme o PPP (2006, p.13), para o curso de Letras com habilitação em Língua portuguesa, há o objetivo geral de formar profissionais competentes que atuarão como executores da ação pedagógica que se envolverão politicamente em ações humanistas, científicas e culturais conscientes, acima de tudo, de seu papel como orientador no processo de ensino/aprendizagem. Por conseguinte, os objetivos em específicos, visam capacitar esse formando trazendo ao conhecimento, compreendendo os fatos da linguagem, sobretudo a linguagem verbal, nos planos oral e escrito, ampliando esses conhecimentos a problemas de ensino/aprendizagem numa perspectiva que possa contemplar o texto e o discurso na sua diversidade de gêneros.

Como proposta, habilidades e competências atribuídas ao graduando em Letras elas atualmente apontam para uma proposta em que frisam a capacidade do educador de ver o aluno como principal sujeito do processo de ensino/aprendizagem, como um ser em formação, para o qual necessita transmitir princípios de cidadania e de convivência social civilizada.
Outrossim, pelos parâmetros do projeto acima mencionado, se o profissional de licenciatura de Língua Portuguesa precisa obter a capacidade de compreender os fatos da linguagem, entre os planos orais e escritos, ampliar seus conhecimentos nos problemas que interferem ao processo de ensino e aprendizagem, ante a complexidade da abordagem desses gêneros orais e discursivos pela linguagem, em que fase do ensino de Língua materna (LM) as ementas curriculares estão sendo aplicadas para a formação dos licenciados quando se fala na prática sobre o ensino com a oralidade?

Para responder essa pergunta usamos como base resposta algumas observações que constam nas ementas curriculares do mesmo projeto Pedagógico de Letras (2006), apontando fatos linguísticos entre a língua falada e escrita presentes no documento.

Com isso, foram realizados alguns apontamentos sobre as ementas do próprio projeto pedagógico, aquelas que enfatizam o ensino da oralidade e a aquelas que evidenciam a escrita por uma realidade apresentada e uma possível leitura de tópicos que relacionem o ensino da oralidade referenciando-a à formação de professores.

É importante destacar que a formação do profissional do curso de letras deve levar em conta o domínio das variadas formas de linguagem, principalmente no que diz respeito ao trabalho com as especificidades e variações da língua.

Dentro desse aspecto, o futuro professor de língua portuguesa deve tomar conhecimento, ainda na graduação, das múltiplas formas de interação verbal e não verbal para que possa ser capaz de desenvolver habilidades que favoreçam uma abordagem crítico-reflexiva da linguagem, bem como compreender os fatos linguísticos no que tangem seus aspectos escritos e orais.

Partindo desse entendimento e analisando o programa curricular do curso de letras com habilitação em Português, foi possível perceber que não há na grade uma ênfase no ensino da oralidade, pois a grande maioria das disciplinas contempla a leitura e escrita como principal elemento de trabalho, o que não abre margem para o exercício da oralidade, o qual só se faz presente muito timidamente em apresentações de seminários e discussões sobre textos lidos, não tendo assim um aporte teórico que possa servir de referência para o aprimoramento dessa modalidade linguística.

O Curso de Letras em Língua Portuguesa tem em sua carga horária e o tempo mínimo de formação acadêmica de três (03) anos e seis (06) meses e no máximo de cinco (05) anos e seis (06) meses compreendidos e distribuídos nos turnos diurnos e noturnos que versam em atividades curriculares: Didáticas/pedagógicas, básicas e eletivas. Dessa forma, as perspectivas teóricas metodológicas da instituição de ensino
analisadas pelas ementas oportunizam a percepção acerca de como a estrutura das disciplinas estão combinadas e como direcionam o ensino para áreas temáticas de leitura e escrita, sendo uma proposição cristalizada, uma vez que tais diretrizes ainda permanecem sem nenhuma alteração.

Nos quadros que seguem encontram-se a transcrição fiel da ementas das disciplinas ofertadas na graduação em Letras, tais como aparecem no PPP. A fase inicial do resultado dessas observações é o que representa nos quadros 1 e 2, que seguem:
**QUADRO 1:** Disciplinas do curso de Licenciatura em Letras LP: Ensino

<table>
<thead>
<tr>
<th>COMPONENTE CURRICULAR</th>
<th>EMENTA</th>
<th>PERÍODO DO CURSO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>PRÁTICA PEDAGÓGICA I</td>
<td>Função social da escola. Concepções de língua(gem). Reflexão em torno dos objetivos do ensino de leitura, produção de textos, gramática e da oralidade em conformidade com as diretrizes para o Ensino Fundamental (PCNs de Língua Portuguesa). Caracterização dos tipos de ensino.</td>
<td>2º SEMESTRE</td>
</tr>
<tr>
<td>PRÁTICA PEDAGÓGICA II</td>
<td>Definição das linhas teórico-metodológicas a serem utilizadas no campo de atuação prática. Análise do livro didático de Língua Portuguesa e materiais didáticos diversos (apostilhas, manuais didáticos) e de exercícios de avaliação.</td>
<td>3º SEMESTRE</td>
</tr>
<tr>
<td>ESTÁGIO SUPERVISIONADO I</td>
<td>Vivência da realidade escolar e planejamento no Ensino Fundamental.</td>
<td>5º SEMESTRE</td>
</tr>
<tr>
<td>ESTÁGIO SUPERVISIONADO II</td>
<td>Intervenção nas aulas no ensino fundamental</td>
<td>6º SEMESTRE</td>
</tr>
<tr>
<td>ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS III</td>
<td>Vivência da realidade escolar e planejamento no Ensino Médio.</td>
<td>7º SEMESTRE</td>
</tr>
<tr>
<td>ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS IV</td>
<td>Intervenção nas aulas no Ensino Médio</td>
<td>8º SEMESTRE</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Perceive-se nesse primeiro quadro (Q1), componentes curriculares que apresentam tópicos que se relacionam com as práticas de oralidade, podendo verificar a existência de disciplinas como Prática Pedagógica I e II, disciplinas que contribuem para a observação e o entendimento acerca da oralidade enquanto processo de
construção linguística, favorecendo a pesquisa e a investigação sobre como o ensino deve ser estruturado. Já as disciplinas de linguística I e II oportunizam possíveis pesquisas sobre a oralidade, mas não dão ênfase a esse aspecto, ficando apenas no estudo da enunciação e do discurso.

As disciplinas de Estágio Supervisionado I, II, III e IV deveriam propor que o graduando elaborasse e aplicasse sequências didáticas que envolvem o ensino sistematizado dos conteúdos escolares, em vivência e intervenção na educação básica. No entanto, o que se percebe é, novamente, a priorização do ensino da escrita em detrimento da oralidade. Disciplinas estas que poderiam fornecer subsídios para que o aluno-professor atualizasse seus conhecimentos sobre oralidade e também pudesse treinar sua oratória enquanto interfere na sala de aula onde desenvolve seu estágio, porém quando o aluno já está nessa fase, muito dificilmente percebe a importância de ter estudado um pouco mais sobre o tema nos anos anteriores.

Vejamos o quadro 2, em que as disciplinas que deveriam contemplar alguma característica da oralidade na sua ementa, não apresenta:
**QUADRO 2:** Disciplinas do curso de Licenciatura em Letras LP: Estudo

<table>
<thead>
<tr>
<th>COMPONENTE CURRICULAR</th>
<th>EMENTA</th>
<th>PERÍODO DO CURSO</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>LINGÜÍSTICA I</td>
<td>Histórico dos estudos linguísticos que precederam a Linguística. Caracterização do objeto de estudo da Linguística. Evolução dos estudos linguísticos: fundamentos do formalismo, do estruturalismo, do gerativismo e fundamentos da Linguística Textual</td>
<td>3º SEMESTRE</td>
</tr>
<tr>
<td>LEITURA E ELABORAÇÃO DE TEXTOS I</td>
<td>Concepções de leitura (do modelo estruturalista ao sócio-interacionista). Desenvolvimento de leitura e compreensão dos vários gêneros textuais. Esquemas, resumos e resenhas</td>
<td>3º SEMESTRE</td>
</tr>
<tr>
<td>LEITURA E ELABORAÇÃO DE TEXTOS II</td>
<td>Concepções de escrita (do modelo estruturalista ao sócio-interacionista). Desenvolvimento de práticas de escrita. Elaboração de textos acadêmicos: resenhas e artigos.</td>
<td>4º SEMESTRE</td>
</tr>
</tbody>
</table>

Em Q2, percebemos breves e sutis direcionamentos no que tange aos aspectos que se encontram presentes nos primeiros semestres do curso de letras revelando uma preocupação em direcionar o ensino para a reflexão acerca dos aspectos linguísticos de forma a desenvolver no aluno:

A capacidade de compreender os fatos da linguagem, sobretudo a linguagem verbal nos planos escrito e oral à luz de diversas teorias sem o aprisionamento teórico a modelos unívocos, numa perspectiva ampla que contemple as mais recentes pesquisas no campo da linguagem sem esquecer os modelos clássicos que lhes deram origem.

(...)

A capacidade de operar no papel de professor/pesquisador com as diferentes manifestações da linguagem, sendo usuário, como profissional da norma culta (UEPB-CEDUC, 2009, p. 13-14)
Esses aspectos consolidam o direcionamento das ementas das disciplinas para o eixo: ensino/prática/reflexão do uso das diferentes formas de linguagem, ressaltando a importância da abordagem comunicativa no uso das formas mais adequadas à cada tipo de situação.

Para Oliveira (2012, p. 19-20),

Torna-se relevante também refletir que não é só necessário conhecer o funcionamento da língua. É imperioso ter o total entendimento puro e intrínseco de que a aprendizagem das línguas deve ser direcionada para a comunicação verbal e escrita, jamais descurando os aspectos socioculturais que lhes são naturalmente inerentes.

Dentro dessa afirmativa, podemos perceber que a oralidade deveria ser evidenciada dentro do programa analisado de maneira que pudesse contribuir com a reflexão acerca dos usos sociais que a língua pode abarcar. Assim, é possível entender que o aluno de letras, no decorrer do curso muito pouco se envolve com esse tipo de estudo que enfatize o trabalho com a oralidade, o qual deveria ser capaz de desenvolver uma abordagem crítico-reflexiva da linguagem tendo na oralidade seu objeto de estudo, uma vez que os diferentes modos de falar são práticas sociais, e assim, se constituem de recursos comunicativos importantes dentro do contexto cultural em que são usados.

Dessa forma, é importante destacar a análise da ementa programática também contempla disciplinas que levam em consideração esta abordagem, constituindo-se assim, um espaço de debates e apontamentos, conforme representado no Quadro 3.
<table>
<thead>
<tr>
<th>Componente curricular</th>
<th>Ementa</th>
<th>Período do curso</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>LINGUÍSTICA II</td>
<td>Conceitos básicos da Fonética e da Fonologia. Princípios fonológicos. Implicações da fonologia na aquisição da escrita. Relações entre oralidade e escrita. Lingüística Funcional</td>
<td>4º SEMESTRE</td>
</tr>
<tr>
<td>LINGUÍSTICA III</td>
<td>Estudos das correntes linguísticas: Lingüística Aplicada, Lingüística da Enunciação e Análise do Discurso. Contribuições dessas perspectivas teóricas para o ensino de Língua Portuguesa.</td>
<td>5º SEMESTRE</td>
</tr>
<tr>
<td>SOCIOLINGUÍSTICA</td>
<td>Objeto de estudo da Sociolingüística; conceitos introdutórios e pressupostos teóricos. Língua e sociedade: as variações diatôpicas, diastráticas e diacrônicas. Variações de registro. A norma culta, as variações e o erro linguístico. As implicações para o ensino de língua materna e/ou estrangeira</td>
<td>6º SEMESTRE</td>
</tr>
</tbody>
</table>

São estes estudos que reforçam a importância da atuação docente no sentido de direcionar a reflexão em torno do papel que a oralidade deve ocupar no ensino superior, uma vez que diante das práticas comunicativas escritas e orais, percebe-se que a
oralidade exerce influências na escrita e que reflete as características de aprendizado dos sujeitos que produzem textos, quais apresentam as marcas orais.

É conveniente destacar também que as disciplinas Linguística II e Sociolinguística contribuem para que o aluno do curso de letras ao final dos estudos tenha condições de optar pela temática da oralidade e da escrita no seu trabalho de conclusão de curso, considerando os aspectos cognitivos e discursivos da produção oral e escrita, investigando os fatos linguísticos e relacionando-os ao ensino que irá empreender.
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui descrita analisou o Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras (PPP, 2006), em especial algumas ementas do curso de português da Universidade Estadual da Paraíba e identificou algumas disciplinas que podem ajudar no aperfeiçoamento da oralidade dos alunos, favorecendo a ampliação de conceitos que favorecem a dimensão interacional dos sujeitos através da exigência de atividades que contemplam o ato comunicativo através da fala.

Porém, percebemos que as ementas analisadas não apresentam uma proposta de trabalho sistemático que enfatize a oralidade enquanto objeto de estudo e reflexão. Fator que deixa margem a um aprendizado de suma importância para qualquer profissional que faça uso da linguagem verbal, principalmente o professor de língua portuguesa que deve, em sua prática pedagógica, ser capaz de compreender e analisar de maneira efetiva todos os fenômenos linguísticos, bem como saber fazer uso das mais variados linguagens.

Acreditamos em um ensino que possibilite a capacidade de aprendizagem com objetivos definidos para o aprendizado da Língua Portuguesa para estudar a linguagem através de uma postura verbalmente oral, esta desenvolvida pelo docente trabalhada dentro da sala de aula, em que preze a maneira mais adequada de usar as expressões referentes aos atos de fala. E que possam contribuir com o ensino e com à oralidade, fazendo-se com que, o aluno desempenhem seu papel social em atos que necessitem de falar em público.

Dessa maneira, as propostas apresentadas podem fornecer ao professor estratégias e possibilidades de aprimoramento de se trabalhar as variedades linguísticas da língua em uso.
REFERÊNCIAS


